Lengalengas

e Rimas do Arco-da-Velha

VELHAS LENGALENGAS

E RIMAS DO ARCO-DA-VELHA

[Compilado pela equipa do Luso-Livros]

Esta obra respeita as regras

Do Novo Acordo Ortográfico

BREVE NOTA SOBRE ESTA COMPILAÇÃO

“O que é uma lengalenga?” Poderão alguns perguntar. Ora, bem, uma lengalenga é uma cantilena, uma rima ou um texto curto, na qual se repetem determinadas palavras ou expressões que permitem que a mesma se decore com facilidade. Geralmente estão associadas a brincadeiras e jogos infantis e são transmitidas de geração em geração, havendo algumas que são ditas cantadas à centenas de anos.

Tal como os provérbios, os adágios e as cantigas populares, as lengalengas fazem parte da cultura de um povo, embora não lhes seja dada tanta importância pelos académicos como as demais expressões folclóricas, possivelmente por fazerem parte do universo infantil.

Mas as lengalengas não são apenas rimas que têm dado cor às brincadeiras de crianças. Elas também têm um valor e um contexto próprio. Por detrás de muitas delas, sobretudo as mais antigas, há uma interessante história sobre como

surgiram e foram criadas; e algumas deixam a dúvida sobre o significado enigmático dos seus versos dando origem ao debate sobre o que pode ter estado na sua origem.

Nos tempos medievais, por exemplo, uma lengalenga tinha quase sempre por base um evento que gerava a discussão popular. Eram criadas por pregões de praça ou “cómicos” de feiras e depois eram repetidos pelas crianças nas suas brincadeiras. Eram assim que nasciam as lengalengas populares.

Ora, nesta presente compilação, reuniram-se um punhado de lengalengas antigas, apanhadas aqui e ali – da memória, de ouvido, de velhos livros, de investigação em bibliotecas e de pesquisas na internet. Demos primazia a lengalengas ainda vivas, cantadas ainda hoje, não tendo pretensões de reunir aqui rimas medievais de difícil entendimento e que requeriam traduções. O nosso objetivo foi despertar a nostalgia pelo recordação dos versos que fizeram parte da infância dos nossos avós, nos nossos pais, da nossa e, por ventura, dos nossos filhos. Que ao lê-las lhe seja dado a recordar e dizer: “Lembro-me desta.”

Equipa do Luso Livros.

JOANINHA VOA, VOA

(Em várias versões)

Joaninha, voa, voa

Que o teu pai está em Lisboa

Com um caldinho de galinha

Para dar à Joaninha.

***

Joaninha, voa, voa

Que o teu pai está em Lisboa

Com um rabinho de sardinha

Para comer que mais não tinha…

***

Joaninha, voa, voa

Que o teu pai foi a Lisboa

Com um saco de dinheiro

Pra pagar ao sapateiro

***

Joaninha, voa, voa

Que o teu pai foi para Lisboa

Com um saco de farinha

Para ti, ó Joaninha.

***

Joaninha, voa, voa

Que o teu pai está em lisboa

A tua mãe no moinho

A comer pão com toucinho.

***

Joaninha, voa, voa

Que o teu pai foi pra Lisboa

Leva cartas para Lisboa

Que eu te darei pão e broa

TÃO-BALALÃO

(Lengalenga cantada; várias versões)

Esta lengalenga, muito antiga, era cantada durante uma brincadeira, em que uma criança era segurada pelos braços de outras mais velhas (ou mesmo por adultos) e "baloiçado" como um sino ou um badalo – um pequeno sino que se punha ao pescoço dos animais. «Tão-balalão» seria a onomatopeia (som) do "sino".

***

Tão-balalão

Soldado ladrão,

Menina bonita

Não tem coração.

***

Tão-balalão

Senhor capitão,

Espada na cinta

Sineta na mão.

***

Tão-balalão,

Cabeça de cão,

Cozida e assada

No meu caldeirão.

***

Tão-balalão,

Senhor Capitão

Orelha de porco

Pra comer com feijão.

OUTRO TÃO BALALÃO

(Versão mais extensa)

Tão balalão

Cabeça de cão

Orelhas de gato

Não tem coração

Não tem coração

Nem voz, nem talento

Orelhas de gato

Cabeça de vento

Cabeça de vento

Orelhas de gato

Pescoço de bruxa

Rabo de macaco

FUI…

Fui a Viana

A cavalo(*) numa cana.

Fui ao Porto

A cavalo de um burro morto.

Fui a Braga

A cavalo de uma cabra.

Fui ao Douro

A cavalo de um touro.

[(*) “a cavalo” = montado em cima de algo]

CANTILENAS DAS ESCONDIDAS

(Várias versões)

Estas lengalengas eram usadam nos jogos das escondidas, tendo de ser dita pelo "procurador", de olhos fechados, enquanto os outros se escondiam.

Sola, sapato

Rei, Rainha

Foi ao mar

Pescar sardinha

Para o filho

Do juiz

Que está preso

Pelo nariz

Salta a pulga

Na balança

Dá um pulo

Até á França

Os cavalos a correr

As meninas a aprender

Qual será a mais bonita

Que se vai esconder?

***

Bico bico sarrabico

Quem te deu tamanho bico

Foi a velha chocalheira

Que come ovos com manteiga

Os cavalinhos a correr

E os meninos a aprender

Qual será o mais espertinho

Que melhor se vai esconder.

O BENTO

(Duas versões)

Lengalenga inerente aos jogos de "o mestre manda", em que os uns têm de seguir todo o que o mestre mandar fazer.

***

Bento que benta é frade

Na boca do povo.

Tudo o que o mestre mandar,

Faremos todos.

***

- Bento que bento é o frade!

- Frade!

- Na boca do forno!

- Forno!

- Cozinhando um bolo!

- Bolo!

- Fareis tudo o que o mestre mandar?

- Faremos todos!

LENGALENGAS DOS DEDOS

(Várias versões)

Estas lengalengas são ditas segurando a mão de alguém, apontado para os dedos, à vez, enquanto é dita.

***

Pequenino *(o dedo mindinho)*

Seu vizinho *(o anelar)*

Pai de todos *(o dedo médio)*

Fura bolos *(o indicador)*

E mata piolhos. *(o polegar)*

***

Este diz: quero pão

Este diz: que não há

Este diz: que Deus dará

Este diz: que furtará

E este diz: alto lá

***

O dedo mindinho quer pão

O vizinho diz que não

O pai diz que dará

Este o furtará

E o polegar: «Alto lá!»

TENHO UM MACACO

Tenho um macaco

Dentro de um saco

Não sei que lhe faça

Não sei que lhe diga

Dou-lhe um pau

Diz que é mau

Dou-lhe um osso

Diz que é grosso

Dou-lhe um chouriço

Isso, isso.

O TEMPO

Esta lengalenga, repleto de significado, é também um "trava-línguas" – texto feito de modo a dificultar a dicção do mesmo. É suposto ser dito rapidamente.

***

O tempo perguntou ao tempo

Quanto tempo o tempo tem.

O tempo respondeu ao tempo

Que o tempo tem tanto tempo

Quanto tempo o tempo tem.

COPO, COPO, JERICOPO

Outra “trava-línguas” para ser dito rapidamente e em voz alta

***

Copo, copo, jericopo

Jericopo, copo cá.

Quem não disser três vezes:

Copo, copo, jericopo

Jericopo, copo cá,

Por este copo não beberá.

A PIPA

Pipa roxa

Pipa coxa

Foi ao mar

E se afundou.

Veio o peixe

Lá do fundo

E na Pipa se empinou.

OUTRA PIPA

Debaixo daquela pipa

Está uma pita

Pinga a pipa

Pia a pipa

Pia a pita

Pinga a pipa

ARCO DA VELHA (*)

Arco da velha,

Tira-te daí,

Menina donzela

Não é para ti,

Nem para o Pedro

Nem para o Paulo,

É para a velha

Do rabo cortado

[(*)Arco-da-velha é uma expressão usada quando se quer referir algo espantoso, inacreditável, inverosímil. Trata-se de uma forma reduzida de arco da lei velha, em referência ao arco-íris, que, segundo o mito bíblico, Deus teria criado em sinal da eterna aliança entre ele e os homens.]

FERNANDINHO

Fernandinho foi ao vinho

Partiu o copo no caminho

Ai do copo, ai do vinho

Ai do rabo do Fernandinho

O QUE ESTÁ NA GAVETA?

O que está na gaveta?

Uma fita preta.

O que está na varanda?

Uma fita de ganga

O que está na panela?

Uma fita amarela

O que está no poço?

Uma casca de tremoço

O que está no telhado?

Um gato malhado

O que está na chaminé?

Uma caixa de rapé

O que está na rua?

Uma espada nua

O que está atrás da porta

Uma vara torta

O que está no ninho?

Um passarinho

Deixa-o no morno

Dá-lhe pãozinho.

Vamos ver se ele pia?

Piuuuuuuuuuuuuuu!

A CASA DO JOÃO

Aqui está a casa

Que fez o João.

Aqui está o saco do grão e feijão

Que estava na casa

Que fez o João.

Aqui está o rato

Que furou o saco de grão e feijão

Que estava na casa

Que fez o João.

Aqui está o gato

Que comeu o rato

Que furou o saco de grão e feijão

Que estava na casa

Que fez o João.

Aqui está o cão

Que mordeu o gato

Que comeu o rato

Que furou o saco de grão e feijão

Que estava na casa

Que fez o João.

À MORTE NINGUÉM ESCAPA

À morte ninguém escapa,

Nem o rei, nem o papa,

Mas escapo eu.

Compro uma panela,

Custa-me um vintém,

Meto-me dentro dela

E tapo-me muito bem,

Então a morte passa e diz:

- Truz, truz! Quem está ali?

- Aqui, aqui não está ninguém.

- Adeus meus senhores,

Passem muito bem

BICHINHO GATO

- Bichinho gato que comeste tu?

- Sopinhas de leite

- Guardaste-me delas?

- Guardei, guardei

- Onde as puseste?

- Atrás da arca

- Com que as tapaste?

- Com o rabo da gata

Sape, sape, sape gato

Sape, sape, sape gata.

SAPE GATO

Sape gato
Lambareiro
Tira a mão
Do açucareiro

Tira a mão
Tira o pé
Do açúcar
E do café

O SAPATEIRO

(Duas versões)

Sapateiro

Remendeiro

Come tripas

De carneiro.

Bem lavadas,

Mal lavadas

Come tudo

Às colheradas

***

Sapateiro

Remendeiro

Come tripas

De carneiro.

Bem lavadas,

Mal lavadas

Tudo vai para

O pandeiro. (a barriga)

PARDAL PARDO, PORQUE PALRAS?

(Trava-línguas para dizer em voz alta)

Pardal pardo, porque palras?

Palro sempre e palrarei

Porque sou pardal pardo

Palrados de El-rei

FUI A BELAS

Fui a Belas para ver as velas, (*)

Mas em Belas velas não vi;

Porque as velas que para Belas iam

Eram as velas que iam daqui.

[(*) Velas dos barcos. Nos séculos XVI, XVII e XVIII o rio Tejo estava sempre cheio de barcos. Quando vinha uns provenientes de sítios longínquos, como da India, África e Brasil, os portos enchiam-se se gente para verem a carga que estes traziam que podiam ser das mais variadas coisas, desde porcelana a animais exóticos.]

GLIN-GLIN

Glin-glin, que tens ao lume?

Glin-glin, tenho papas.

Glin-glin, dá-me delas.

Glin-glin, não tenho sal.

Glin-glin, manda-o buscar.

Glin-glin, não tenho por quem.

Glin-glin, por João Branco.

Glin-glin, não pode, está manco.

Glin-glin, quem o mancou?

Glin-glin, foi um pau.

Glin-glin, que é do pau?

Glin-glin, o lume o queimou.

Glin-glin, que é do lume?

Glin-glin, a água o apagou.

Glin-glin, que é da água?

Glin-glin, o boi a bebeu.

Glin-glin, que é do boi?

Glin-glin, foi moer o trigo.

Glin-glin, que é do trigo?

Glin-glin, a galinha o comeu.

Glin-glin, que é da galinha?

Glin-glin, foi pôr ovos.

Glin-glin, que é dos ovos?

Glin-glin, o frade os comeu.

Glin-glin, que é do frade?

Glin-glin, foi dizer missa.

Glin-glin, que é da missa?

Glin-glin, já está dita.

Glin-glin, que é da campainha?

Glin-glin, está aqui! Está aqui!

HORAS DE SONO

Esta lengalenga é também provérbio/adágio, cantada no século XVIII.

Quatro horas dorme o santo,

Cinco o que não é tanto,

Seis o caminhante

Sete o estudante,

Oito o preguiçoso,

Nove o porco,

Mais só o morto.

O RÉU

Réu, réu,

Vai ao céu,

Vai buscar

O meu chapéu.

Se está novo,

Traz-mo cá.

Se está velho,

Deixa-o lá.

Ouvem-se hoje em dia versões desta lengalenga substituindo a palavra “réu” por “béu”, talvez para suavizar a morbidade que está associada à rima, porque um réu para ir ao céu é porque foi julgado e condenado á morte. Se virmos o contexto histórico em que eram criadas as

lengalengas de antigamente, veremos que esta rima está cheia de ironia.

O CARACOL

(Duas versões)

Caracol, caracol

Põe os pauzinhos ao sol

***

Caracol, caracolinho

Sai de dentro do moinho

Mostra a ponta do focinho

O GRILO

Grilinho sai, sai

À tua portinha

Que andam as cobras

Na tua hortinha

BICHO DA CONTA

Estas lengalengas dirigidas a insetos, tal como as anteriores do caracol, do grilo e as várias versões da joaninha, eram ensinadas ás crianças para elas dizerem quando encontravam um deles nos campos. Era uma maneira de as ensinar a ter respeito pela natureza.

Debaixo da pedra

Mora um bichinho

De corpo cinzento

Muito redondinho

Tem medo do sol

Tem medo de andar

Bichinho de conta

Não sabe contar

Muito redondinho

Rebola, no chão

Rebola, na erva

E na minha mão

LENGALENGA DOS ANIMAIS

Tenho um cãozinho

Chamado Totó

Que me varre a casa

E limpa o pó.

Tenho um gatinho

Chamado Fumaça

Que me lê histórias

E come na taça.

Tenho uma vaquinha

Chamada Milu

Que me limpa os móveis

E cuida do peru.

Tenho um periquito

Chamado Piolho

Que me limpa a chaminé

E coze o repolho.

Tenho um peixinho

Chamado Palhaço

Quando vai às compras

Usa sempre um laço.

Tenho uma porquinha

Chamado Joana

Que lava a loiça

E me faz a cama.

Um dia escorregou

E caiu no chão

Oinc… oinc… oinc…

Que grande trambolhão!

A BONECA

Tia Anica Marreca

Traga-me uma roca

Prá minha boneca

Que ela é careca.

Tem um pé de pau

Quando vai prá cama

Faz trau tau tau.

Ó SENHORA LAVADEIRA

Ó senhora lavadeira

Já matou o seu porquinho?

Traga cá uma talhada

Do rabo até ao focinho

Aqui estou à sua porta

Sentada numa cortiça

Não me vou daqui embora

Sem me dar uma linguiça.

SERRAR, SERRAR

Madeirinha ou pilar

O rei serra bem

A rainha também

E o duque?

Tuc, tuc, tuc *(e faz-se cócegas a quem ouve)*

CHICA LARICA

Chica larica

De perna alçada

Comeu uma galinha

Na semana passada

Se mais houvesse

Mais comia

Adeus senhor padre

Até outro dia

PIA, PIA, PIA

Pia, pia, pia,

O mocho

Que pertencia

A um coxo.

Zangou-se o coxo,

Um dia,

E meteu o mocho

Na pia, pia, pia…

OLHA ALÉM

Olha além um rato,

Um olho aqui outro no mato.

Olha além um gato,

Um olho aqui outro no rato.

Olha além um Papa,

Com uma pedra no sapato.

Salta sapato,

Salta gato,

Salta rato,

Para o meio do mato

Que ninguém o papa.

Pirilipapo, pirilipapa, pirilipapo.

O DOCE

Qual é o doce que é mais doce que o doce de batata doce?

Respondi que o doce que é mais doce que o doce de batata doce

É o doce que é feito com o doce do doce de batata doce.

LAGARTO PINTADO

Lagarto pintado, quem te pintou?

Foi uma menina que por aqui passou

Lagarto verde, que te esverdeou?

Foi uma galinha que aqui passou

Lagarto azul, que te azulou?

Foi a onda do mar que me molhou

Lagarto amarelo, que te amarelou?

Foi o sol poente que em mim pisou

Lagarto encarnado, que te encarniçou?

Foi uma papoila que para mim olhou

SE TU VISSES O QUE EU VI

Há inúmeras rimas começadas com "Se tu visses o que eu vi", pois são quadras fáceis de criar. O objetivo é sempre divertir e fazer rir, pela imagem absurda que evocam.

Se tu visses o que eu vi

À vinda de Guimarães

Um barbeiro de joelhos

A fazer a barba aos cães

***

Se tu visses o que eu vi,

Havias de te admirar.

Uma cadela com pintos,

E uma galinha a ladrar.

***

Se tu visses o que eu vi,

Havias de te admirar.

Uma cobra a tirar água,

E um cavalo a dançar.

***

Se tu visses o que eu vi,

Havias de te admirar.

Uma abelha a grunhir,

E um porco a voar.

***

Se tu visses o que eu vi,

Fugias como eu fugi,

Uma cobra a tirar água,

E outra a regar o jardim.

***

Se tu visses o que eu vi,

Este caso de assombrar,

Um macaco sem orelhas

A servir de militar.

OS ESCRAVOS DE JÓ

“Os escravos de Jó” é uma cantilena cuja origem, significado e letra é motivo de controvérsia. Presume-se que fazem alusão aos escravos que em áfrica juntavam caxangá (uma espécie de crustáceo). É usada num jogo infantil que remota ao século XVIII. Para se jogar, forma-se uma roda de jogadores e, ao ritmo da lengalenga, inicia-se o jogo passando um objeto que têm na mão direita para o vizinho da direita, ao mesmo tempo que recebem com a mão esquerda o objeto do vizinho da esquerda, trocando-o rapidamente de mão. O que se enganar e deixar cair o objeto, perde e sai da roda.]

Os escravos de Jó,

Jogam cachangá.

Tira, põe, deixa ficar.

Guerreiros com guerreiros,

Fazem zigui, zigui, zag. (repete)

SENHOR PADRE FRANCISCANO

- Sr. Padre Franciscano!

- Que diabo queres tu?

- Está ali uma viuvinha,

Diz que se quer confessar.

- Manda-a embora.

Manda-a embora.

Que eu não estou para a aturar!

- Sr. Padre Franciscano!

- Que diabo queres tu?

Está ali uma solteirinha,

Diz que se quer confessar.

-Manda-a embora.

Manda-a embora,

Que eu não estou para a aturar.

- Sr. Padre Franciscano

- Que diabo queres tu?

- Está ali uma casadinha

Diz que se quer confessar.

- Manda-a entrar!

Manda-a entrar!

Que eu já estou para a aturar.

JOÃO COELHO

Pega, pega João Coelho

Com o seu barrete vermelho,

A sua espada de cortiça

Para matar a carriça.

A carriça deu um berro

Que se ouviu no castelo,

Toda a gente se assustou

Só a velha ficou.

A velha achou um rato

Que escondeu no sapato.

Foi levá-lo a S. Vicente

Para comer com pão quente.

AS BRUXAS

A chover

A trovejar

E as bruxas

A dançar

***

A chover

A fazer sol

As bruxas

A comer pão mole

***

Está chover

Está a nevar

Estão as bruxas

De cu pró ar

***

Está a chover

Está a fazer Sol

Estão as bruxas ao grisol.

DEZ E DEZ

Dez e dez

São vinte

Vai ao diabo

Que te pinte

Já lá fui

Não me pintou

Disse que lá fosse

Quem me lá mandou.

AS TRÊS POMBINHAS

Lá vai uma, lá vão duas,

Três pombinhas a voar,

Uma é minha, outra é tua,

Outra é de quem a apanhar.

A CRIADA

É costume, atualmente, juntar-se esta lengalenga com a das pombinhas, possivelmente por ser muito curta, mas na verdade esta e a anterior são lengalengas separadas com origens diferentes.

A criada lá de cima

É feita de papelão,

Quando vai fazer a cama

Diz assim para o patrão:

Sete e sete são catorze,

Com mais sete são vinte e um,

Tenho sete namorados

E não gosto de nenhum.

LENGALENGAS PARA TIRAR À SORTE

Um-dó-li-tá

Cara de amendoá

Um segredo colorido

Quem está livre

Livre está

***

Um aviãozinho militar

Atirou uma bomba ao ar

Diga lá, meu menino,

A que terra foi parar?

***

Um, dois, três, quatro

A galinha mais o pato

Fugiram da capoeira

Foi atrás a cozinheira

Que lhes deu com um sapato

Um, dois, três, quatro…

***

Nove vezes nove

Oitenta e um,

Sete macacos e tu és um

Fora eu que não sou nenhum!

***

A saquinha das surpresas

Ninguém sabe o que lá vem

Tão calada, tão quietinha

Vamos ver o que lá vem!

***

Analiter, pirilita

Bacalhau, sardinha frita

Quantas patas tem o gato?

Tem quatro, 1, 2, 3, 4

***

Pim, pam, pum

Cada bola mata um

Da galinha pró perú

Quem se livra és tu!

MENINA BONITA

Menina bonita

Não sobe à janela

Porque o bicho mau

Carrega com ela.

Se quer alvos ovos

Arroz com canela

Menina bonita

Não sobe à janela.

Não sobe à janela

Não sobe à varanda

Porque lá está posta

Uma fita de ganga.

E dentro da panela

Uma fita amarela

E dentro do poço

A casca de tremoço

E lá no telhado

Um gato molhado

ADEUS

Adeus, Anica,

Se o teu galo canta,

O meu repenica.

Adeus, Manuela,

Se te bato à porta,

Abres-me a janela.

Adeus, Lúzia

Gato de telhado

Não faz companhia

Adeus, Joana

Quem não vem na roda

Cai-lhe uma pestana.

ECO

É suposto que cada frase desta lengalenga seja repetida por outra pessoa depois de uma a dizer.

- Ó que eco que aqui há!

- Que eco é?

- É o eco que cá há.

- O quê? Há cá eco?

- Há eco, há.

PIQUE PIQUE

Pique pique

Eu piquei,

Grão de milho

Eu achei,

Fui levá-lo

Ao moinho,

O moinho

Não moeu,

Foram lá os ladrões

Que me levaram os calções.

ERA UMA VEZ...

Estas lengalengas eram usadas como efeito cómico, quando as crianças pediam a alguém que lhes contasse uma história e o narrador não tinham nem tempo nem paciência para as contar, calando-as com estas rimas curtas.

Era uma vez

Um gato maltês

Tocava piano

Falava francês

Saltou-te às barbas

Não sei que te fez

A dona da casa

Chamava-se Inês

O número da porta era o 33!

Queres que te conte outra vez?

***

Era uma vez

Uma galinha perchês

E um galo francês

Eram dois

Ficaram três…

Queres que te conte outra vez?

***

Era uma vez uma vaca

Chamada Vitória

Morreu a vaquinha

Acabou-se a história

E depois?

Depois…

Morreram as vacas

Ficaram os bois

***

Era uma vez

Um rei e um bispo

Acabou-se o conto

Não sei mais do que isto.

***

Era uma vez

Um duende

Em cima duma nora

Deu um pulo

E foi-se embora

***

Era uma vez um cadeirão

Casou com uma cadeirinha

Nasceu um barquinho

Não quis estudar…

Foi para banco de cozinha

***

Era uma vez

Um rei e uma rainha

Acabou-se a história

Que era pequenina.

***

Era uma vez

Dois Austríacos

E um Francês...

Mas o francês

Que era mais audaz

Rapa da espada

E zás trás pás...

Mas não matou...

Eu vou contar

Como se passou:

Era uma vez...

(e repete... e repete.... até a criança se fartar)

O PERU

Peru velho

Quer casar

Mas a (nome da rapariga)

Menina bonita

Não há de encontrar!

Glu, glu, glu…

ARRE BURRO

(Várias versões)

Arre burro

De Loulé

Carregado

De água-pé

***

Arre burro

De Monção

Carregado

De requeijão

***

Arre burrinho

Arre burrinho

Sardinha assada

Com pão e vinho

***

Arre burrinho

De Nazaré

Uns a cavalo

Outros a pé

***

Arre burrinho

Para Azeitão

Que os outros

Já lá vão

Carregadinhos

De feijão

O PRETO

Estas duas infelizes lengalengas do século XIX, são um reflexo do racismo que se incutia desde cedo às crianças da época. Não são únicas, havendo mais e piores, sendo quase todas provenientes das colónias africanas. Hoje, felizmente, caíram em desuso. Decidimos incluir estas duas - aos nossos olhos "as menos ofensivas" – deixando-as aqui como registro histórico e exemplos de lengalengas do género.

***

O preto fuma charuto

Charuto já ele é

O preto fuma charuto

Ao canto da chaminé

***

O preto, minha senhora

Não gosta de bacalhau

Só gosta de arroz doce

Mexido com colher de pau

Preto para aqui

Preto para acolá

Ri o preto

Ah, ah, ah!

ERA UMA VELHA

(Duas versões)

Era uma velha

Muito, muito velha

Mais que a minha avó

Mas o raio da velha

Dançava com uma perna só.

***

Era uma velha

Que andava a varrer

Com a lata no rabo

Quanto mais a velha varria

Mais a lata no rabo batia.

AMANHÃ É DOMINGO

(Três versões)

Amanhã é Domingo

Cantará o pintassilgo

O pintassilgo é dourado

Não tem um burro nem cavalo

Tem uma burrinha cega

Que chega daqui a Castela

Castelinha, castelão

Minha avó deu-me pão

Para mim e pró meu cão

***

Amanha é Domingo

Toca o sino

O sino é de ouro

Mata-se o touro

O touro é bravo

Ataca o fidalgo

O fidalgo é valente

Defende a gente

A gente é fraquinha

Mata a galinha

Para a nossa barriguinha

***

Amanhã é Domingo

Pão com pingo

Galo francês

Pica na rês

A rês é mansa

Vai para França

Mas, se ela voltar

Torna a picar.

A burra é de barro

Pica no jarro

O jarro é fino

Pica no sino;

O sino é de ouro

Pica no touro

O touro é bravo

Pica no fidalgo

O fidalgo é valente

Mete três homens

Na cova de um dente.

O PAU DO PAULINO

Paulino sem pau é Lino

Paulino sem Lino é pau,

Tirando o pau ao Paulino

Fica o Paulino sem pau.

A RAPOSA

A chover, a nevar,

E a raposa no lagar

A fazer uns caracóis (*)

Para amanhã se casar

[(*) Por outras palavras: a encaracolar o cabelo.]

NA PRAIA

Pela praia fora vai o menino Zé,

Com uma mão na cabeça

E outra no pé.

Pela areia acima vai uma formiga,

Com uma mão na testa

E outra na barriga.

CANTILENA DAS MENTIRAS

Agora que tenho vagar

Vou contar umas mentiras:

Já pelo mar andei às lebres,

E pelos campos às enguias.

Eu sou um triste ninguém

Sempre a saltar pelo caminho

Nas garrafas levo pão

Nos alforges trago vinho.

Pus os bois às costas

Pus o arado a pastar

Sentei-me para correr

Deitei-me para os agarrar.

Fui ao figueiral às pêras

E enchi-me de pinhões.

Veio o dono das castanhas:

- Ó ladrão, larga os feijões.

Vi dois ratos a lavrar

A puxar pelo arado

Um grilo muito engraçado

Ia atrás deles a piar.

Com um cão um corridinho

Eu vi uma cabra a dançar.

Vi um lobo a beber vinho

Com uma ovelha a namorar.

Vi um coelho fadista

A tocar uma guitarra.

Ouvi uma grande artista

Que se chamava cigarra.

Vi um morcego com pernas

Vi uma lebre fardada

Vi as rolas no cinema

Vi um tordo na tourada.

Com uma grande barriga

Vi um leão a bater sola.

Nas costas de uma formiga

Já vi um jogo de bola.

Tenho catarro nas unhas

Dor de estômago nas orelhas

E já me doem os joelhos

De coçar as sobrancelhas.

CRIADA

- Maria da Touca!!!

- A Senhora, chama?

- Acende o lume

Vai fazer a cama...

- Não posso lá ir,

Estou ocupada

A fazer biscoitos

E mais marmelada

Pró Senhor capitão

Que vem nesta armada

Com a barba de molho

E a calça queimada...

PELAS PERNAS VISTO OS CALÇÕES

Esta lengalenga era usada para acalmar as crianças quando era preciso vesti-las de madrugada.

Pelas pernas visto os calções

Pelos braços a camisola

No pescoço ponho um laço

Nas mãos calço as luvas

Nos pés calço os sapatos

E na cabeça ponho um chapéu

Com um lenço assou o nariz

Nos olhos ponho os óculos

Nas orelhas ponho os brincos

Com a boca dou beijinhos

TENHO UM COLARINHO

Tenho um colarinho

Muito bem encolarinhado.

Foi o colarinhador

Que me encolarinhou

Este colarinho

Vê se és capaz

De encolarinhar

Tão bem encolarinhado

Como o encolarinhador

Que me encolarinhou

Este colarinho.

JOGO DO PÁRA

Cantilena associada a um jogo infantil que remota ao século XVIII no qual os jogares têm que ficar imóveis (ou ficar em silêncio) assim que a lengalenga termina. O primeiro que se mexe (ou fala) perde.

Um, dois, três

As perninhas ao chinês

Quatro, cinco, seis

Os braços já sabeis

Sete, oito, nove

A boca não se move.

GUERRA NA CAPOEIRA

Está a capoeira toda alvoraçada

Franga poedeira com crista encarnada

Achou uma espiga de milho dourado

Vem de lá o galo e dá-lhe uma bicada

O pato marreco dá-lhe uma patada

Fica a capoeira toda alvoraçada

E assim se arma a guerra por causa de nada.

O FRANGANOTE

O Franganote

Queria casar

Com a franga

Que viu passar.

O pai galo

Não deixou

O Franganote

Não gostou.

Zangado, zangado

Passou o dia deitado

À noite para terminar,

Fez birra

E começou a voar.

Ao sair da capoeira

Acordou a família inteira.

PADRE PEDRO

- Pedreiro da catedral está aqui o padre Pedro?

- Qual padre Pedro?

- O padre Pedro Pires Pisco Pascoal.

- Aqui na catedral há três padres Pedros Pires Piscos Pascoais.

Como em outras catedrais.

ESTA BURRA

Esta burra torta trota

Trota, trota, a burra torta.

Trinca a murta, a murta brota

Brota a murta ao pé da porta.

DOM PIVETE

Havia um macaco

Chamado Dom Pivete

Passava pelas moças

E tirava o barrete

O GATO CAIU AO POÇO

O gato caiu ao poço

E as tripas ficaram lá.

Gira o copo, copo, copo

Gira o copo, copo cá.

O gato caiu ao poço

E as tripas ficaram lá.

Baralhoco, copo, copo

Baralhoco copo cá.

O MEU CHAPÉU

Esta pequena rima é feita para ser repetida. E em cada repetição substitui-se uma palavra por um gesto. Um chapéu de três bicos é um Chapéu Tricóni, usado nos séculos XVI e XVII.

O meu chapéu tem três bicos,

Tem três bicos o meu chapéu.

Se não tivesse três bicos

O chapéu o chapéu não era meu.

AS TRÊS RATINHAS

Três ratinhas

Nos sofás

A beberem

O seu chá.

A primeira ratinha

Uma chávena bebeu.

- Já está!

A segunda ratinha

Duas chávenas bebeu.

- Que bom está o chá!

A terceira ratinha

Bebeu e gostou

Gostou e bebeu

Bebeu e gostou

Gostou e bebeu

E de tanto gostar

Acabou por rebentar.

LÁ VAI O BICHO

Lá vai o bicho

Por cima do osso

Comer o menino *(ou o nome da criança)*

Até ao pescoço

MÁRIO MORA FOI A MORA

Mário Mora foi a Mora

Com intenções de vir embora

Mas, como em Mora demora;

Diz um amigo de Mora:

- Está cá o Mora?

- Então agora o Mora mora em Mora?

- Mora, mora.

CANTILENA DOS CINCO REIS

Tenho cinco reis (1*)

Tenho um alguidar

Tenho um duendinho (2*)

De pernas para o ar

Quando me levanto

Tiro-lhe o boné

Aperto-lhe a mão

Olari-ló-lé

[(*) 1 - O real (no plural: reais, mais tarde popularizado como réis foi a unidade de moeda de Portugal desde cerca de 1430 até 1911. Foi utilizada em todas as colónias portuguesas nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX e ainda é hoje usada no Brasil. Foi substituída pelo escudo em Portugal com a implantação da republica. 2 - Duendinho, de duende, no original que é uma personagem mitológica da península ibérica e é descrito como um ser pequeno, da família

das fadas que usa um pequeno chapéu/barrete. Algumas versões contemporâneas substituíram o duende por um macaquinho.]

A VASSOURINHA

Varre, varre, vassourinha

Varre bem esta casinha

Se varreres bem

Dou-te um vintém

Se varreres mal

Dou-te um rei (*)

[(*) Tal como na lengalenga anterior, “rei” da moeda da altura.]

MÃO MORTA, MÃO MORTA

(usando a mão de outra pessoa)

Mão morta, mão morta

Filhinhos à porta

Não tem que lhe dar

Dá-lhe com a tranca da porta

Mão morta, mão morta

Vai bater aquela porta

(e bate na cara da pessoa com a sua própria mão)

AS MÃOS

Lengalenga usada para ensinar às crianças a diferenciar a mão direita da esquerda

Esta é a mão direita

A esquerda é esta mão

Com esta digo sim

Com esta digo não

Levanto a direita ao céu

Apanho a esquerda ao chão

Agora já conheço

Já não faço confusão

OS DIAS DOS MESES

Lengalenga usada para lembrar ou para ensinar às crianças quando dias têm cada mês do ano

30 dias tem Novembro,

Abril, Junho e Setembro.

Com 28 só há um,

E o resto tem 31.

JOSEZITO

Cantilena usada quando se apanhava uma pessoa em falso, isto é a mentir ou a tentar enganar alguém.

Josezito,

Já te tenho dito,

Que não é bonito

Andares-me a enganar!

Chora agora,

Josezito, chora

Que me vou embora,

Pra não mais voltar.

O PAPA

Se o Papa papasse papa,

Se o papa papasse pão,

Se papa tudo papasse,

Seria um Papa papão.

O CÉU

Está o céu estrelado?

Quem o estrelaria?

O homem que o estrelou,

Grande estrelador seria.

CABRA CEGA

(Várias versões)

As lengalengas da cabra-cega fazem parte de um jogo recreativo em que um dos participantes, de olhos vendados, procura apanhar os outros e adivinhar quem é. Aquele que for agarrado, passará a ficar com os olhos vendados. As lengalengas eram ditas enquanto se tapava os olhos e rodopiava a "cabra cega" ao início do jogo, ou enquanto a cabra cega procurava os participantes. Hoje em dia é um jogo infantil, mas durante o Renascimento foi um passatempo palaciano, jogado nos salões e jardins dos nobres, sobretudo entre os jovens adolescentes pois era um jogo que permitia o contacto físico entre rapazes e raparigas e era usado assim como meio de namoro.

***

- Cabra-cega, donde vens?

- Venho da serra.

- O que trazes?

- Bolinhos de atum

- Dá-me um!

- Não dou.

- Gulosa! Gulosa!

***

Cabra-cega, donde vens?

Venho do Lombo do Moinho

O que trazes?

Pão e Vinho.

Não me dás nada?

Não dou.

Malvada! Malvada!

***

Cabra-cega! Cabra-cega!

Tudo ri, mãos no ar, a apalpar, tatear, por aqui, por ali.

Tudo ri! Cabra-cega! Cabra-cega!

Mãos no ar, apalpando, tateando, por aqui, por ali,

Agarrando o ar! Tudo ri…

JOGO DAS SARDINHAS

Uma sardinha

Duas sardinhas

Três sardinhas

E um gato

Disputaram-se

De tal maneira

E meteram-se

Num sapato

Oh tchi, tchi, tchi, tchi, thi, tchi, ó ó

Oh ó, ó, ó, ó, ó, tchi tchi

Que-lo repita

La senhorita/Lo senor… *(nome da pessoa a quem se dirige a cantilena que terá que a repetir para outro).*

O CAÇADOR

Era uma vez um caçador,

Furunfunfor, triunfunfor, misericuntor;

E foi à caça,

Furunfunfaça, triunfunfaça, misericuntaça;

E caçou um coelho,

Furunfunfelho, triunfunfelho, misericuntelho;

E levou-o a uma velha,

Furunfunfelha, triunfunfelha, misericuntelha.

OS QUATRO QUARTOS

(Um trava-línguas para ser dito muito depressa.)

Há quatro quadros três e três quadros quatro.

Sendo que quatro destes quadros são quadrados,

Um dos quadros quatro e três dos quadros três.

Os três quadros que não são quadrados,

São dois dos quadros quatro e um dos quadros três.

OUTROS TRAVA-LÍNGUAS

O rato roeu a rolha da garrafa de rum do rei da Rússia!

***

O rato roeu a roupa do rei de Roma e o rei roxo de raiva ralhou com a rainha que resolveu remendar a roupa do rei que o rato roeu mas o rato roer roía e a rainha do rato a roer se ria!

***

Sucessão, sucessiva de sucessões que sucedem sucessivamente sem cessar!

***

A pia pinga, o pinto pia, pinga a pia, pia o pinto, o pinto perto da pia, a pia perto do pinto.

***

Num ninho de mafagafos há sete mafagafinhos, quando a mãe mafagafo dá comida aos sete mafagafinhos, eles fazem semelhante mafagafada que ninguém os mafagafaguifa.

***

O princípio principal do príncipe principiava principalmente no princípio principesco da princesa.

***

Tenho uma capa bilrada, chilrada, galripatalhada; mandei-a ao senhor bilrador,

chilrado, galripatalhador; que ma bilrasse, chilrasse, galripatalhasse, que eu lhe pagaria bilraduras, chilraduras, palripatalhaduras.

***

O bispo de Constantinopla, é um bom desconstantinoplatanizador. Se a quisesse desconstantinoplatanilizar não haveria desconstantinoplatanilizador que a desconstantinoplatanilizaria tão desconstantinoplatanilizadoramente. (*)

[(*) Em 1930 a cidade de Constantinopla mudou o nome para Istambul. Diz-se portanto que foi "desconstatinoplanizada" pelo bispo que a batizou oficialmente com o novo nome.]

***

Percebeste ou fingiste que percebeste para que os outros percebessem que tivesses percebido, percebeste? Se não percebeste, faz que percebeste para que eu perceba que tu percebeste. Percebeste?

***

Num prato de trigo tragam três tristes tigres. Três tristes tigres tragam trigo dum trago. Tragam o trigo aos três tristes tigres que eles tragam o trigo no prato.

***

Sabendo o que sei e sabendo o que sabes e o que não sabes e o que não sabemos, ambos saberemos se somos sábios, sabidos ou simplesmente saberemos se somos sabedores.

***

Perlustrando patética petição produzida pela postulante, prevemos possibilidade para pervencê-la porquanto perecem pressupostos primários permissíveis para propugnar pelo presente pleito pois prejulgamos pugna pretérita perfeitíssima.

***

O desinquivincavacador das caravelarias desinquivincavacaria as cavidades que deveriam ser desinquivincavacadas.

***

O Papa papa o papo do pato num prato de papa papado pelo papo do papa.

***

O padre Pedro prega pregos no presbitério pregando a prega a pregar.

***

A garça disse à Graça que achou pouca graça à graça que a Graça fez da graciosidade da garça, numa graça com pouca graça. Se a graça que a Graça fez à garça tivesse graça, a

garça acharia muita graça à graça que a Graça fez da graciosidade da garça.

O CASTELO DE CHUCHURUMEL

Aqui está a chave

Que abre a porta

Do castelo

De Chuchurumel.

Aqui está o cordel

Que prende a chave

Que abre a porta

Do castelo

De Chuchurumel.

Aqui está o sebo

Que unta o cordel

Que prende a chave

Que abre a porta

Do castelo

De Chuchurumel.

Aqui está o rato

Que roeu o sebo

Que unta o cordel

Que prende a chave

Que abre a porta

Do castelo

De Chuchurumel.

Aqui está o gato

Que comeu o rato

Que roeu o sebo

Que unta o cordel

Que prende a chave

Que abre a porta

Do castelo

De Chuchurumel.

Aqui está o cão

Que mordeu o gato

Que comeu o rato

Que roeu o sebo

Que unta o cordel

Que prende a chave

Que abre a porta

Do castelo

De Chuchurumel.

Aqui está o pau

Que bateu no cão

Que mordeu o gato

Que comeu o rato

Que roeu o sebo

Que unta o cordel

Que prende a chave

Que abre a porta

Do castelo

De Chuchurumel.

Aqui está o lume

Que queimou o pau

Que bateu no cão

Que mordeu o gato

Que comeu o rato

Que roeu o sebo

Que unta o cordel

Que prende a chave

Que abre a porta

Do castelo

De Chuchurumel.

Aqui está a água

Que apagou o lume

Que queimou o pau

Que bateu no cão

Que mordeu o gato

Que comeu o rato

Que roeu o sebo

Que unta o cordel

Que prende a chave

Que abre a porta

Do castelo

De Chuchurumel.

Aqui está o boi

Que bebeu a água

Que apagou o lume

Que queimou o pau

Que bateu no cão

Que mordeu o gato

Que comeu o rato

Que roeu o sebo

Que unta o cordel

Que prende a chave

Que abre a porta

Do castelo

De Chuchurumel.

Aqui está o carniceiro

Que matou o boi

Que bebeu a água

Que apagou o lume

Que queimou o pau

Que bateu no cão

Que mordeu o gato

Que comeu o rato

Que roeu o sebo

Que unta o cordel

Que prende a chave

Que abre a porta

Do castelo

De Chuchurumel.

Aqui está a morte

Que levou o carniceiro

E que entrega a chave

Que abre a porta

Do castelo

De Chuchurumel.

AS DOZE MOÇAS DONZELAS

Eram doze moças donzelas

Todas forradas de bronze

Deu o trangalomango(*) nelas

Não ficaram senão onze.

[(*)Trangalomango: Infortúnio. Doença atribuída a feitiço; bruxedo]

Dessas onze que elas eram

Foram lavar os pés

Deu o trangalomango nelas

Não ficaram senão dez.

Dessas dez que elas eram

Foram cavar numa cova

Deu o trangalomango nelas

Não ficaram senão nove.

Dessas nove que elas eram

Foram amassar biscoito

Deu o trangalomango nelas

Não ficaram senão oito.

Dessas oito que elas eram

Todas usavam barrete

Deu o trangalomango nelas

Não ficaram senão sete.

Dessas sete que elas eram

Foram cantar por dez réis

Deu o trangalomango nelas

Não ficaram senão seis.

Dessas seis que elas eram

Fecharam a porta ao trinco

Deu o trangalomango nelas

Não ficaram senão cinco.

Dessas cinco que elas eram

Comeram arroz com pato

Deu o trangalomango nelas

Não ficaram senão quatro.

Dessas quatro que elas eram

Voltaram lá outra vez:

Deu o trangalomango nelas

Não ficaram senão três.

Dessas três que elas eram

Foram lá por essas ruas:

Deu o trangalomango nelas

Não ficaram senão duas.

Dessas duas que elas eram

Foram apanhar caruma

Deu o trangalomango nelas

Não ficou senão uma.

Dessa uma que ela era

Foi viver para a cidade

Deu o trangalomango nela

Não ficou senão metade.

Dessa metade que ela era

Foi brincar com um pião

Deu o trangalomango nela

Acabou-se a geração.